

Executivo estrangeiro cria rede de proteção

Fonte: Folha de S. Paulo – SP, Dinheiro, 12/09/2004

SANDRA BALBI

DA REPORTAGEM LOCAL

Uma rede de proteção e de serviços cerca os executivos expatriados por multinacionais para trabalhar no Brasil. Eles são parte de um contingente de mais de 14 mil estrangeiros que, até agosto, obtiveram visto do Ministério do Trabalho e Emprego para trabalhar no país. Esse grupo de elite está muito distante da figura mítica dos antigos imigrantes que desbravaram o mercado local vencendo dificuldades no peito e na raça.

Hoje, os expatriados contam com grupos e clubes de apoio, podem malhar e fazer terapia em inglês e têm até uma rede de empregados domésticos que só trabalham para estrangeiros. Um luxo para quem, nos países de origem, lavava a própria louça. As multinacionais, além de terem uma estrutura de apoio para receber e orientar os expatriados, ainda oferecem os serviços de empresas especializadas na integração dos executivos e de suas famílias à cultura local. Essas empresas são verdadeiras babás das famílias estrangeiras: de aulas de história para entender o novo mundo a um "tour" por supermercados e shoppings para orientar as primeiras compras quase nada escapa de seu pessoal - todos políglotas, claro.

Nem por isso a vida de quem chega dos EUA, Inglaterra, França ou Alemanha é um mar de rosas. "Os expatriados estranham o tamanho da cidade, o tempo que se demora para fazer tudo em São Paulo, o trânsito louco e a violência. Muitos, após dois ou três meses, entram em depressão", diz Celina Sampaio, gerente administrativa da American Society. A entidade, criada há 54 anos, para promover a cultura americana, mantém uma rede de trabalhos comunitários. O voluntariado funciona como terapia ocupacional e via de integração das esposas dos executivos na comunidade. E também de alguns maridos de expatriadas.

Carreira e família

A presidente da Timken, Christelle Orzan, 40, chegou a cogitar a abrir mão da proposta que a empresa lhe fez, há dois anos, para assumir o comando das operações no Brasil. Para Christelle galgar um novo degrau na carreira - era diretora de marketing da Timken nos EUA- seu marido Yannick Orzan, teve de deixar o emprego e acompanhá-la nessa travessia. "Tomamos a decisão juntos, mas se fosse o caso eu abriria mão do convite pela família", diz ela.

No primeiro ano no Brasil, desempregado, Yannick ocupou-se dando aulas de informática e inglês na Casa do Menor, em Santo Amaro, participando do voluntariado da American Society. "Quando chegamos ficamos chocados com tanta desigualdade no país. Ele viu a oportunidade de dar algo de si", diz. Como quase todos os expatriados, os Orzan também se espantaram com os riscos de segurança, conseqüentes da desigualdade social que descobriram. "Até hoje meu marido não quer que eu vá sozinha ao shopping, tenho carro blindado e não uso bolsa quando ando a pé nas ruas", diz. A violência é a primeira coisa que vem à cabeça dos executivos estrangeiros quando convidados a se transferir para o Brasil. E, enquanto permanecem no país continua sendo uma preocupação constante.

"A violência, aqui, é opressiva. Tenho um carro blindado, pois há coisas, como um assalto, que não se pode prever", diz Thomaz Crane Trynin. Ele vive no país há oito anos e fincou raízes. Veio para montar a subsidiária local da PageNet, que domina o mercado de "pagers" nos EUA, quando a telefonia celular local ainda engatinhava. Em 2000, casou-se com uma das primeiras funcionárias que recrutou. Apesar de ter se "abrasileirado", Trynin diz que ainda estranha a forma de se fazer negócios no país. Hoje ele tem sua própria empresa, de comércio exterior, e ainda luta com as diferenças de cultura. "Nós, americanos, somos muito

diretos. Fechamos um negócio em cinco minutos; já os brasileiros são desconfiados, cheios de rodeios. Para romper essa barreira temos de ser apresentados por uma pessoa da confiança do interlocutor", diz ele.

Segurança

A preocupação com segurança é o principal item nos pacotes de serviços que as multas contratam para relocação de seu pessoal. "Curso de direção defensiva é um item obrigatório", conta Ana Maria Linhares Giesbrecht, sócia da Focal Point, especializada na relocação de executivos estrangeiros. A escolha do bairro e do tipo de imóvel onde morar também é norteadas pela mesma preocupação.

Algumas empresas de segurança chegam a fazer auditorias nos imóveis, para conferir o seu grau de inviolabilidade. Peter von Wartemberg, gerente de controle econômico da unidade de sistemas a gasolina da Bosch, com sede em Campinas, conta que morou cinco meses em um hotel, com a mulher, Andrea, pois teve dificuldade de encontrar um imóvel que atendessem às exigências do casal. "Temos um cachorro, por isso precisávamos morar em uma casa, mas queríamos segurança", diz ele. Wartemberg acabou alugando um imóvel em um condomínio fechado em Vinhedo, cidade vizinha a Campinas. "É muito seguro, nossa vida, agora, é entre condomínios onde moram muitos expatriados."